

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA (ILEEL)
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍN-
GUA PORTUGUESA
CAMPUS SANTA MÔNICA

MARINA ARAÚJO CAIXETA RIBEIRO CASTRO

ARQUÉTIPOS EM AÇÃO:
A Coletividade na Jornada do Herói dos *Karas* em *A Droga da Obediência*

UBERLÂNDIA – MG
2024

MARINA ARAÚJO CAIXETA RIBEIRO CASTRO

ARQUÉTIPOS EM AÇÃO:

A coletividade na Jornada do Herói dos *Karas* em *A droga da obediência*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para aprovação na disciplina TCC II.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Pedro Afonso Barth

UBERLÂNDIA – MG

2024

ARQUÉTIPOS EM AÇÃO: A coletividade na Jornada do Herói dos Karas em *A droga da obediência*

Marina Araújo Caixeta Ribeiro Castro (UFU)¹

RESUMO: A jornada do herói é uma estrutura recorrente na constituição de narrativas em diferentes mídias e áreas do saber. Muitas obras da literatura juvenil mobilizam a jornada do herói, seja para reproduzi-la ou para provocar alguma ruptura. Este trabalho analisa a interação entre os arquétipos propostos por Christopher Vogler em *A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores* (2015) e os personagens da série *Os Karas*, de Pedro Bandeira, com foco específico no volume *A Droga da Obediência* (2014). Joseph Campbell, em *O Herói de Mil Faces* (2003), desenvolveu a Jornada do Herói e Vogler expandiu esses conceitos em sua obra, especialmente aspectos recorrentes nas trajetórias dos protagonistas, conhecidos como heróis. Um dos aspectos de análise consistiu em determinar se o arquétipo de herói seria exclusivo a um único personagem ou compartilhado entre os integrantes do grupo e de que maneira essa dinâmica afetou a narrativa coletiva e as interações entre eles, além de considerar também o papel da heroína e suas influências nessa narrativa. A pesquisa, em relação à metodologia, aplicou uma abordagem bibliográfica e qualitativa que envolveu a análise dos personagens e suas características relacionadas aos arquétipos presentes. Entre os resultados do estudo, destacou-se a relevância dos arquétipos para criação de histórias significativas voltadas ao público jovem, motivando uma interpretação mais perspicaz das obras destinadas a essa faixa etária.

Palavras-chave: Arquétipos; Jornada do Herói; Pedro Bandeira; Herói Coletivo; Os karas.

ABSTRACT: The hero's journey is a recurrent structure in the constitution of narratives in different media and areas of knowledge. Many works of youth literature mobilize the hero's journey, intending to reproduce it or cause some rupture. This paper analyzes the interaction between the archetypes proposed by Christopher Vogler in *The Writer's Journey: mythical structures for writers* (2015) and the characters in the series *Os Karas*, by Pedro Bandeira, with a specific focus on the volume *The Drug of Obedience* (2014). Joseph Campbell, in *The Hero with a Thousand Faces* (2003), developed the Hero's Journey and Vogler expanded these concepts in his work, especially recurring aspects in the trajectories of the protagonists, known as heroes. One aspect of the analysis consisted of determining whether the hero archetype would be exclusive to a single character or shared among the members of the group and how this dynamic affected the collective narrative and the interactions between them, in addition to also considering the role of the heroine and her influences in this narrative. The research, in relation to methodology, applied a bibliographic and qualitative approach that involved the analysis of the characters and their characteristics related to the archetypes present. Among the results of the study, the relevance of archetypes for the creation of meaningful stories aimed at young audiences stood out, motivating a more insightful interpretation of works aimed at this age group.

Keywords: Archetypes; Hero's Journey; Pedro Bandeira; Collective hero; Os Karas.

INTRODUÇÃO

A Jornada do Herói é uma estrutura narrativa que se manifesta como elemento unificador em diversos tipos de relatos, com ponto de encontro em antigas lendas até narrativas contemporâneas. Nesse sentido, o escritor especializado em mitologia Joseph Campbell, dentre

¹ Aluna do sétimo período do curso de graduação em Letras: Português e respectivas literaturas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Orientada pelo prof. Dr. Pedro Afonso Barth.

seus processos de estudo, realizou extensa pesquisa sobre a existência de um mito comum presente em quase todas as culturas humanas. Assim, o desenvolvimento de uma trajetória heroica é melhor compreendida em sua obra *O Herói de Mil Faces* (2003). A partir dos estudos de Campbell, o roteirista Christopher Vogler desenvolve maiores reflexões sobre esse processo com foco especial para a estruturação de narrativas e escreve *Jornada do escritor: estrutura mística para escritores* (2015). Neste livro, o autor descreve e reconhece padrões recorrentes nas jornadas dos personagens principais, denominados de heróis. Tais padrões, fundamentados em arquétipos universais² não apenas refletem estruturas míticas nas narrativas tradicionais, mas também influenciam as produções contemporâneas, como jogos eletrônicos, séries de televisão e, especialmente, livros destinados ao público infantil e juvenil.

A jornada do herói é uma estrutura recorrente em obras juvenis: a constituição de uma jornada do herói e a mobilização de diferentes arquétipos é um elemento que permite uma maior identificação do público com a obra literária. Dessa forma, no que diz respeito ao panorama literário juvenil, um exemplo considerável dessa estrutura pode ser observado na série *Os Karas*, escrita por Pedro Bandeira, com destaque especial para o primeiro livro *A Droga da Obediência* (1984). Nesse sentido, alguns motivos foram fundamentais para a escolha dessa obra como embasamento para a pesquisa de conclusão de curso. De início, a narrativa contempla um arquétipo de herói clássico, com seus protagonistas envolvidos numa trama repleta de desafios a fim de alcançar seus objetivos por meio de um bem comum. Tal aspecto garante uma estrutura sólida para a análise da conduta desse herói conforme o seguimento da história. Somado a isso, o apego à obra enquanto leitora e apreciadora desse gênero significa uma experiência de desenvolvimento mais significativa, pois é possível desenvolver uma compreensão mais ampla sobre as questões encontradas na leitura desde a responsabilidade individual até o reconhecimento da complexidade das relações sociais, o que enriquece a abordagem desse estudo como um todo.

Convém ressaltar também o papel fundamental que as obras de Pedro Bandeira têm para a literatura juvenil e a formação de jovens leitores, haja vista sua popularidade e relevância no campo literário. Bandeira, com sua narrativa envolvente e personagens cativantes, inspiram e educam seu público jovem. A longevidade e o impacto duradouro de suas obras no cenário literário brasileiro demonstram sua capacidade de conectar, incentivar e contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional das sucessivas gerações de leitores.

² O psiquiatra suíço Carl Jung na obra *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2002) apresenta o conceito de arquétipo seria padrões de comportamento ou símbolos/imagens que representam padrões de comportamento universais.

A proposta envolve uma análise da interação entre os arquétipos propostos por Christopher Vogler na *Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores* (2015) e os personagens da série *Os Karas* de Pedro Bandeira, com ênfase no livro *A Droga da Obediência* (2014), com o cuidado de perceber as particularidades que influenciam esses arquétipos nas jornadas individuais dos protagonistas e no desenvolvimento da narrativa de herói na literatura infantil e juvenil contemporânea. Somado a isso, o trabalho questiona se o arquétipo de herói é aplicável a somente um único personagem ou se pode ser compartilhado por vários integrantes do grupo de protagonistas. Também se considera como essa dinâmica influencia a narrativa coletiva e a interação entre os heróis.

A obra seminal de Joseph Campbell, *O Herói de Mil Faces* (2003), e sua posterior expansão por Christopher Vogler em *A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores* (2015), proporcionam uma base sólida para compreender os padrões recorrentes nas jornadas dos protagonistas, conhecidos como heróis. Esses padrões, enraizados em arquétipos universais, não apenas refletem ideais presentes em narrativas tradicionais, mas também exercem uma influência marcante nas produções atuais, abrangendo desde jogos eletrônicos até livros destinados ao público infantil e juvenil.

Nesse contexto, torna-se impreterível explorar como os arquétipos delineados por Vogler se entrelaçam com cada um dos personagens criados por Pedro Bandeira na série *Os Karas*, com foco especial no livro *A Droga da Obediência* (2014). Este estudo propõe-se a investigar não apenas a manifestação dos arquétipos nos protagonistas, mas também a evolução da narrativa de herói ao longo da trama e se a coletividade define também que esse papel de protagonista pode sim ser várias figuras determinantes na história.

Além disso, compreender de que maneira a contribuição individual de cada personagem impacta a narrativa coletiva, promovendo a coesão do grupo e a consecução de um propósito maior. A análise do aspecto de heroína na personagem feminina Magrí, à luz da obra *A Jornada de Heroína*, de Maureen Murdock (2023), fomenta a discussão sobre a importância do papel da figura feminina para o desenrolar da história.

Dessa maneira, a pesquisa se justifica pela necessidade de aprofundar o entendimento sobre como os arquétipos influenciam a construção dos personagens e o desenvolvimento da trama na literatura infantil e juvenil contemporânea. Uma análise minuciosa desses elementos proporcionará percepções valiosas sobre o valor dos arquétipos na criação de narrativas envolventes e significativas para o público jovem, o que determina uma apreciação mais abrangente e crítica das obras destinadas a essa audiência específica.

O estudo será conduzido por meio de uma abordagem qualitativa, com interpretação crítica e análise textual da obra *A Droga da Obediência* (2014) de Pedro Bandeira à luz dos conceitos de arquétipos propostos por Christopher Vogler. Serão identificados e descritos os arquétipos presentes em cada um dos personagens principais da trama: Chumbinho, Calú, Crânio e Miguel. A proposta consiste em relacionar as características e as ações deles com as funções psicológicas e dramáticas propostas por Vogler. A análise será embasada em referencial teórico sobre literatura juvenil contemporânea e a jornada do herói, com ênfase nas contribuições de autores como Campbell, Vogler e Bandeira. Por meio dessa abordagem, pretende-se elucidar as conexões entre os arquétipos e os personagens da obra, enriquecendo a compreensão do papel desses elementos na construção narrativa e no desenvolvimento dos protagonistas.

1. A IMPORTÂNCIA DE PEDRO BANDEIRA NA LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA

1.1 Literatura Juvenil Contemporânea

No século XVII, os primeiros livros voltados para a infância e a juventude começaram a surgir. Tal mudança na produção literária é muito significativa visto que, pela primeira vez, a criança e o jovem se tornaram o público-alvo específico (Gregorin Filho, 2012). Antes desse período, a infância não era considerada como uma fase distinta do desenvolvimento humano. As particularidades e necessidades das crianças não eram reconhecidas. No entanto, à medida que a estrutura econômica e social passou por transformações significativas, incluindo o surgimento do capitalismo e a ascensão da burguesia, houve uma mudança na organização familiar. Segundo a pesquisadora Alice Áurea Penteado Marta (2011, p.17), “o surgimento da infância e a reorganização da instituição escolar [...] propiciam o surgimento da literatura infantil como gênero diferenciado”. Esse gênero literário emergiu com o intuito de atender às novas necessidades educacionais e culturais das crianças. Assim, a literatura infantil se consolidou como uma categoria própria, refletindo as mudanças sociais e pedagógicas da época.

Quando se considera a evolução da literatura infantil, nota-se o destaque de sua origem no século XVIII como reflexo da organização social da época, com livros moralizantes que tinham por objetivo a educação das crianças. Entretanto, alguns autores escrevem obras infantis eminentemente literárias, apesar da permanência de um viés utilitarista. Nesse contexto, os irmãos Grimm e Carlo Collodi, com seu personagem Pinóquio, são exemplos dessa abordagem.

No Brasil, essa literatura também seguiu um padrão semelhante, com livros iniciais de caráter moralizante e didático, refletindo a ordem social vigente (Marta, 2011). A literatura infantil brasileira começou a se desenvolver no século XIX, após a abolição da escravidão, período em que o país buscava se mostrar moderno e engajado internacionalmente. No século XX, autores como Monteiro Lobato consolidaram a literatura infantil brasileira permitindo amplo protagonismo para emancipação da criança em suas obras.

Já a literatura juvenil iniciou sua consolidação após a década de 1950, quando o conceito de adolescência passou a ser culturalmente considerado: originando uma cultura juvenil (Gregorin Filho, 2012). No Brasil, a partir de 1970, “o mercado editorial volta-se a esse público e oferta produções diferenciadas, com grande quantidade de publicações.” (Marta 2011, p. 123). Houve um desenvolvimento marcante na literatura juvenil contemporânea que resultou no aparecimento de um novo narrador que buscou construir personagens muito mais conscientes dos acontecimentos sociais e da diversidade cultural que compõem a identidade da sociedade brasileira (Gregorin Filho, 2012). Dessa maneira, nas obras contemporâneas da literatura juvenil, nota-se a presença de múltiplas vozes que dialogam entre si, pertencentes a diferentes contextos sociais e que podem frequentemente entrar em conflito. Tais vozes estimulam os jovens a questionarem o mundo a sua volta e assim há uma incitação ao pensamento crítico em relação à estrutura social e aos preconceitos.

Ademais, é essencial reconhecer a importância dessas obras no processo educativo, e enquanto construção desse processo “[...] levar em consideração a formação plural do povo brasileiro” (Gregorin Filho, 2012, p.38). A literatura juvenil desempenha papel vital ao garantir aos jovens não somente entretenimento, mas também evolução do pensamento crítico e da sua formação cultural, para que amadureçam mais conscientes de sua diversidade. Ainda sobre literatura vinculada à arte, Gregorin Filho afirma:

A literatura feita para o jovem da atualidade está vinculada à arte, isto é, ao mesmo tempo em que traz à tona discussões de valores sociais, devolve para a sociedade novas maneiras artísticas de discutir e veicular esses valores, seja por meio de múltiplas linguagens, seja por intermédio das atuais formas de suporte para que essa arte seja veiculada. (2012, p.38)

A partir desse fundamento, infere-se que essa interligação entre literatura e arte permite que os jovens tenham acesso a narrativas inovadoras e criativas, que podem ser apresentadas em diversos formatos, como livros físicos, *e-books*, *podcasts*, considerando os modelos mais utilizados na contemporaneidade. Essa diversidade de formatos e linguagens artísticas torna a experiência de leitura mais rica e envolvente para o público jovem, estimulando a apreciação

da arte de diferentes maneiras e a reflexão sobre as complexidades e os desafios universais da existência humana.

Dessa maneira, a literatura destinada aos jovens contemporâneos não apenas aborda temas relevantes para essa faixa etária, mas também utiliza a arte como meio de expressão e comunicação, o que permite novas possibilidades criativas e formas de engajar o público jovem. Como descrito anteriormente, uma das formas mobilizadas em obras juvenis será a recorrência no uso da jornada do herói.

1.2 Pedro Bandeira e *A Droga da Obediência*

Pedro Bandeira nasceu em Santos (SP), no ano de 1942 e posteriormente mudou-se para São Paulo em 1961 para cursar Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP) (Bandeira, 1984, p. 135). Iniciou sua carreira no teatro como ator, diretor e cenógrafo e também trabalhou na área de jornalismo e publicidade, em comerciais de TV como editor. Foi no ano de 1972 seu começo nas publicações de histórias para crianças e jovens (Bandeira, 2014, p.189). Conforme registros de Magro (2011), o início de Bandeira com o trabalho infantil e juvenil foi impulsionado por Maristela Petrili de Almeida Leite. No ano de 1982, Leite era a responsável pela primeira coleção de livros infantis e juvenis da Editora Moderna e se encontrou com Marisa Lajolo, autora e pesquisadora dessa mesma área, além de amiga pessoal de Pedro Bandeira. Foi Lajolo quem recomendou seu recém-escrito *O Dinossauro Que Fazia Au-Au* a Maristela Petrili de Almeida Leite (Magro, 2011, p. 27-28), fato que resultou em uma de suas primeiras publicações voltadas para esse nicho.

A partir desse marco, seu nome começou a representar uma literatura de alta qualidade, memorável e atemporal, visto que suas obras seguem como material de apreciação dentro e fora das salas de aula com o passar dos anos. Sua obra foi tão impactante que ele se tornou um verdadeiro símbolo de excelência no campo da literatura infantil e juvenil brasileira. Bandeira ganhou uma notoriedade principalmente pela capacidade de criar narrativas envolventes e cativantes para o público jovem, pois, conforme o autor, a linguagem empregada nas obras infantis e juvenis “não deve ser desconstruída, mas deve ser simples, direta, sem modismos e gírias, porque pela linguagem os livros podem se tornar obsoletos, haja vista que a linguagem é dinâmica, muda muito rápido” (Magro, 2011, p. 425). Nesse sentido, vale a percepção que essa complexidade da linguagem deve encontrar um equilíbrio nos textos literários, pois embora ela

seja dinâmica e evolua rapidamente, é necessário evitar excessos e tendências linguísticas que possam tornar o texto obsoleto. Ainda sobre o trabalho de Bandeira, Marisa Lajolo declara:

A obra de Pedro Bandeira impõe-se ainda pela força de sua linguagem: quer a linguagem precisa de narradores que se colam à consciência e à linguagem de seus personagens, quer a linguagem da poesia que através de sonoridades, trocadilhos e jogos de palavras fecunda a linguagem cotidiana tornando, com isso, a obra bandeiriana uma das mais ricas da literatura infantil brasileira contemporânea (2009, p.29).

A citação mencionada evidencia a precisão linguística de Pedro Bandeira, um aspecto fundamental de sua escrita que contribui para a atemporalidade de suas obras. Esse autor se destaca por sua habilidade em combinar uma linguagem envolvente com uma narrativa fluida, características que têm um impacto duradouro em seus leitores. Tal combinação permite a Bandeira explorar de forma profunda e cuidadosa temas delicados e emoções variadas na literatura juvenil, abordando questões relevantes ao longo das gerações.

Assim, ele consegue não apenas agradar crianças e jovens leitores de sua época, mas também manter-se atual e cativante para novas gerações de leitores. A atemporalidade de suas histórias se manifesta na capacidade de abordar temas universais e experiências humanas, fator essencial para suas obras permanecerem adequadas do público mesmo anos após sua publicação inicial. Apesar da inegável importância de Pedro Bandeira para a literatura juvenil, são poucos os estudos críticos dedicados à análise de sua obra.³ Isso ressalta a necessidade de mais pesquisas nessa área para compreender plenamente o impacto e a longevidade de sua contribuição literária.

A série *Os Karas* de Pedro Bandeira reúne seis obras lançadas ao longo de trinta anos. São elas: *A Droga da Obediência*, publicada em 1984, considerada um dos grandes sucessos do autor (Magro, 2011), *Pântano de sangue* (1987), *Anjo da morte* (1988), *A droga do amor* (1994), *Droga de americana!* (1999) e *A droga da amizade* (2014). A temática central do livro analisado *A Droga da Obediência* (2014) começa com um teor sombrio e misterioso, quando diversos alunos das melhores escolas da elite paulistana desaparecem sem deixar rastros. É neste momento que entram em cena "Os Karas", um grupo de jovens do colégio Elite, composto

³ Entre alguns poucos trabalhos que analisam especialmente a obra *A Droga da Obediência* destacam-se: O artigo de autoria de Nilza Pereira Crepaldi, Patrícia Santos de Souza e Rosângela Fernandes de Oliveira "A **droga da obediência: uma proposta de multiletramento literário por aplicativo móvel**" publicado na Revista de Estudos Acadêmicos de Letras no ano de 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/3354> Acesso em: 25 out. 2024 e a dissertação defendida em 2011 na universidade Estadual de Maringá de autoria de Rosiane Cristina de Souza: "Entre mistérios e enigmas: um estudo sobre o romance policial para jovens na série *Os Karas* de Pedro Bandeira". Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEM-10_921825299c20839f3162e88e9dfefbdf5 Acesso em: 25 out. 2024.

por Miguel, Calú, Crânio, Magrí e Chumbinho. Miguel lidera com bravura e determinação, enquanto Calú aparece como mente criativa capaz de melhor adaptar-se durante momentos de tensão. Já Crânio atua como conselheiro, oferecendo sábios conselhos juntamente a Magrí que oferece um ponto de partida crucial para o início das investigações. Finalmente, a carga de humor e leveza do grupo fica por conta de Chumbinho.

Esse grupo decide investigar por conta própria os desaparecimentos, uma vez que a polícia não possui qualquer pista. Após extensa investigação, descobrem a identidade por trás dos sumiços: o temível e paranoico Dr. Q.I. Esse cientista insano está utilizando seres humanos como cobaias para testar sua invenção: "A droga da obediência". Essa substância torna as pessoas dóceis e obedientes, seguindo qualquer ordem sem questionar, podendo executá-la até a exaustão total. Entretanto, é evidente que "Os Karas" utilizarão toda sua bravura, inteligência e sagacidade para desvendar o Dr. Q.I. e livrar o mundo de sua insanidade. Além de prender a atenção do início ao fim, essa emocionante narrativa também representa uma crítica sutil à sociedade humana.

2. A JORNADA DO HERÓI

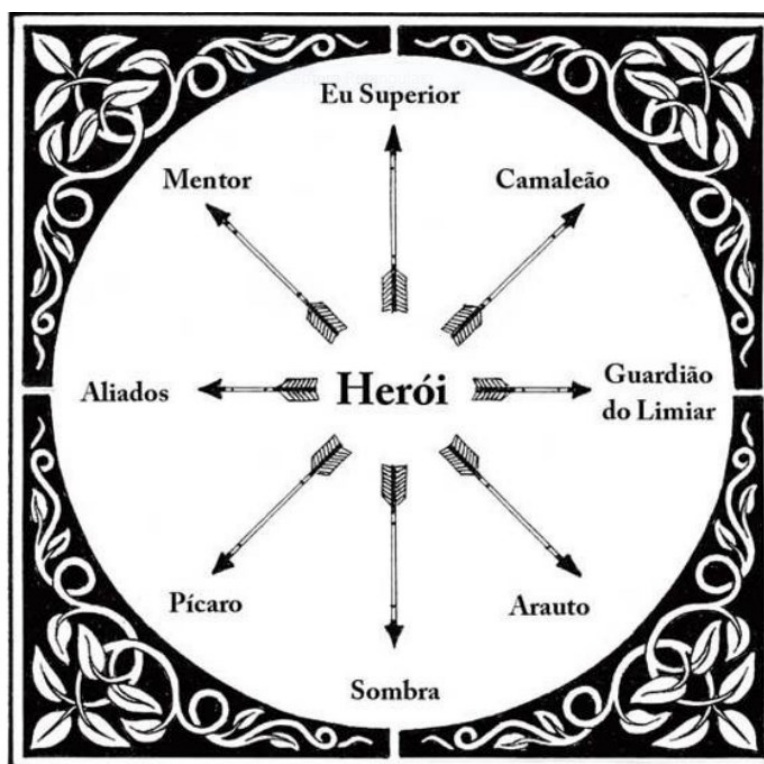
A Jornada do Herói é um conceito presente em diversas narrativas ao redor do mundo. Nesse percurso, o herói passa por uma série de etapas que o transformam e o preparam para enfrentar desafios cada vez maiores. *O Herói de Mil Faces* (2003), obra de Campbell, explora o conceito do Monomito Universal, que considera a narrativa presente em mitos e histórias como os elementos essenciais da estrutura conhecida como "Jornada do Herói". Desde a infância, o espírito de aventura está enraizado no herói, preparando-o para uma jornada grandiosa no futuro. O Chamado à Aventura (Vogler, 2015) surge, levando o herói a abandonar sua zona de conforto em direção a uma jornada desafiadora, muitas vezes contra sua vontade inicial. Durante esse percurso, encontramos arquétipos recorrentes como o herói, o mentor e o antagonista.

Inicialmente, o herói pode recusar o Chamado por receio do desconhecido e das consequências que podem surgir. No entanto, ao longo da jornada, ele se depara com mentores e aliados sábios que o orientam, fornecendo ferramentas essenciais para seu triunfo e conselhos valiosos. A busca por significado e propósito impulsiona o herói em sua jornada, na esperança de contribuir para um bem maior.

Na busca por desvendar camadas mais complexas da narrativa, a utilização dos arquétipos apresenta-se como ferramentas que garantem maior conexão com as histórias contadas e os

personagens retratados. “Os arquétipos também podem ser encarados como símbolos personificados de várias qualidades humanas. Como as principais cartas arcanas do tarô, eles representam os aspectos de uma personalidade humana completa” (Vogler 2015, p.63). Tal citação ilustra que os arquétipos podem ser definidos como padrões universais e simbólicos que representam características e comportamentos comuns encontrados na natureza humana, refletindo assim a complexidade e a diversidade das experiências e emoções humanas (Jung, 2002). Dentro de sua obra, Vogler busca explorar a essência que define cada um dos arquétipos. Ele propõe duas questões essenciais que nos auxiliam nessa investigação: qual função psicológica ou parte da personalidade o arquétipo representa, e qual é a sua função dramática na história? Essas perguntas despertam uma análise mais profunda dos personagens e de seu impacto tanto no desenvolvimento psicológico dos protagonistas quanto na trama como um todo. Na figura a seguir, são explicitados os arquétipos relacionados com o herói:

Figura 1 – Os arquétipos como emanções do herói



Fonte: Vogler, 2015, p.62.

A partir desse conceito, os mais conhecidos são o herói, o mentor, o guardião do limiar, o arauto, o camaleão, a sombra, o aliado e por fim, o pícaro. O Herói, figura central, embarca em uma jornada de transformação, enfrentando desafios e realizando sacrifícios ao longo do

caminho. Sua capacidade de adotar características de outros arquétipos o torna uma peça-chave na trama. Para Vogler, também é importante destacar: “Heróis vencem obstáculos e alcançam objetivos, mas também ganham conhecimentos e sabedoria. A essência de muitas histórias está no processo de aprendizado entre um Herói e um mentor, ou um Herói e um amor, ou mesmo entre um Herói e um vilão” (Vogler, 2015, p.69). Nesse sentido, essa perspectiva apresenta a necessidade das relações interpessoais não apenas para o desenvolvimento do personagem, mas também para o seguimento da narrativa. Ao interagir com os outros arquétipos presentes na história, o herói desenvolve melhor seu senso de cooperatividade e amadurecimento, adquirindo mais conhecimento, o que ajuda a torná-lo mais completo e complexo, capaz assim de inspirar ainda mais os leitores quanto ao seguimento de sua jornada com maior autoconhecimento e segurança.

O Mentor, por sua vez, é o guia experiente que orienta e incentiva o Herói em sua jornada, oferecendo sabedoria e conselhos valiosos. Enquanto isso, o Guardião do Limiar representa o primeiro obstáculo a ser superado pelo Herói ao adentrar um novo mundo, sendo necessário vencê-lo, enganá-lo ou convertê-lo em aliado. O Arauto anuncia a mudança e o início da jornada, desempenhando um papel crucial na progressão da narrativa. O Camaleão simboliza a dúvida e a mudança ao longo da história, marcando os eventos e desdobramentos. A Sombra, oposta ao Herói, representa a adversidade e o conflito, “podem ser todas as coisas que não gostamos em nós mesmos, todos os segredos profundos que as pessoas não conseguem admitir sequer para si” (Vogler, 2015, p.113), mesmo que faça parte dele ou seja seu inimigo direto. Por fim, o Pícaro traz movimento e humor à narrativa, sendo um contraponto à seriedade do sacrifício do Herói. Com a capacidade de assumir brevemente o papel principal, ele complementa a jornada principal com sua presença dinâmica e cativante.

Com base nessas informações, um dos propósitos do presente trabalho é analisar de que maneira cada personagem presente na obra *A Droga da Obediência* (2014) se encaixa em cada um desses arquétipos. Nesse sentido, analisar as particularidades de cada um do grupo de amigos é fundamental para tal associação.

Começando pelo protagonista, Miguel, personagem que se destaca como o líder do grupo e é quem conduz a história. Sua coragem, liderança e espírito de liderança o colocam nessa posição central e assim é aquele que melhor representa o arquétipo de Herói. Por sua vez, Crânio pode aparecer como um Mentor devido à sua lógica e habilidade investigativa. É possível notar tal arquétipo por sua abordagem racional e analítica que aparece como uma figura sábia que aconselha o grupo em suas investigações. Já Calú pode ser associado ao arquétipo do

Camaleão, pois detém de muita criatividade e se destaca pela capacidade de se adaptar a diferentes situações. Com isso, a versatilidade e inventividade desse personagem podem transmitir também certa instabilidade, mas é figura crucial para o grupo. Por fim, Chumbinho se encaixa no papel de Pícaro, trazendo humor e leveza para o grupo em momentos difíceis. Seu carisma e senso de humor são fundamentais para aliviar a tensão e contribuir para as decisões do grupo.

Na obra *A Droga da Obediência* (2014), de Bandeira, a análise dos arquétipos propostos por Christopher Vogler nos leva à indagação se espírito de herói está limitado unicamente a Miguel, o líder do grupo “Os Karas”, ou se a verdadeira importância reside na dinâmica coletiva do grupo em sua missão de vencer o vilão Dr. Q.I. Nesse sentido, os arquétipos podem ser identificados em cada um dos personagens: Crânio como o investigador lógico, Calú como o espião criativo e Chumbinho como o apoiador carismático.

Com isso, a jornada de cada um desses personagens sugere que o espírito de herói não está restrito apenas a Miguel, mas sim permeia todo o grupo, cada um contribuindo com suas habilidades únicas para alcançar o objetivo comum de desmascarar o vilão e salvar a sociedade da influência da droga da obediência. Essa união em prol de um bem maior reflete a essência da jornada do herói descrita por Joseph Campbell, em que a superação de desafios e a busca por um propósito mais elevado são fundamentais para o crescimento individual e coletivo dos personagens. O capítulo 25 do livro em questão aparece nomeado como “Dois Karas é melhor que um”, em que Miguel, considerado o herói principal, fica em alerta para sua iminente situação de perigo, porém sua agonia maior foi perceber que estava sozinho sem seu grupo de amigos:

Era isso que estava reservado à espécie humana com a Droga da Obediência. E ele, Miguel, talvez fosse o único que podia fazer alguma coisa contra aquela barbaridade. Mas, o que fazer? Estava trancado naquele quarto, como numa prisão! Tempo! Era só nisso que ele conseguia pensar. Precisava ganhar tempo e tentar uma virada na situação. Mas ele estava sozinho. Se, pelo menos, ele tivesse os Karas consigo... (2014, p.76)

Portanto, é construída a hipótese de que na obra *A droga da obediência* não há um único herói, mas sim uma espécie de jornada de herói coletiva. Como apontam Pereira e Barth (2019), uma obra juvenil pode mobilizar “o cruzamento de várias jornadas de heróis que tem um fio condutor comum, que terão uma recompensa maior que beneficiará uma coletividade” (Pereira, Barth, 2019, p. 595). Assim, a importância está não apenas na figura do herói individual, mas na colaboração e união do grupo em direção à vitória sobre as forças do mal e à conquista de

um objetivo em comum. Logo, por meio da união e cooperação, os membros dos “Karás” aprendem a valorizar as diferenças, a confiar mais uns nos outros e a reconhecer a importância de trabalhar em equipe para alcançar um bem maior.

3. ANÁLISE

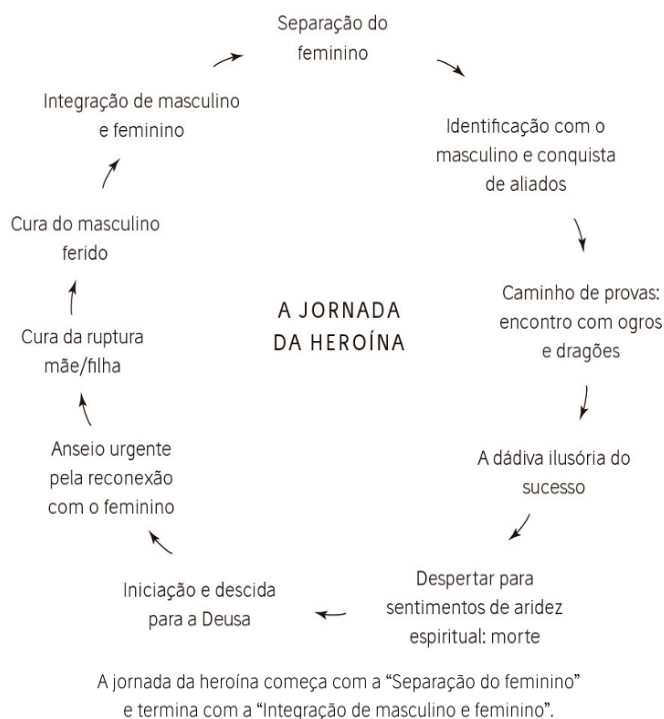
A análise começa com a jornada da heroína em Magrí, uma das figuras centrais do grupo dos “Karás”. Utilizando o modelo do diagrama proposto por Maureen Murdock em *A Jornada da Heroína* (2023), investiga-se como a trajetória de Magrí reflete essas etapas, incluindo a separação do feminino, a identificação com o masculino, o caminho de provas, a cura da ruptura e a integração do masculino e feminino. Logo em seguida, o estudo foca nos heróis Chumbinho, Calú, Crânio e Miguel. A abordagem, diferente da de Magrí, aborda os arquétipos definidos pela pesquisa de Christopher Vogler, conforme apresentados em sua obra *A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores*. (2015). Essa abordagem permite investigar se cada personagem incorpora arquétipos definidos e se o arquétipo de herói contempla inteiramente cada um.

3.1 Jornada de heroína da Magrí

Magrí, uma das figuras essenciais no grupo dos “Karás”, representa na história a complexidade e a riqueza da jornada feminina. Sua versatilidade como atleta do colégio, marcada por notável força e flexibilidade, harmoniza-se com uma natureza afetuosa e sensível. Essa combinação única, aliada a um raciocínio lógico aguçado e uma coragem inabalável, faz de Magrí um exemplo vívido da heroína moderna.

A obra de Murdock, *A Jornada da heroína* (2023), surgiu como uma resposta necessária ao modelo predominantemente masculino de jornada do herói proposto por Joseph Campbell (2003). Murdock reconheceu que a experiência feminina na busca mítica possui nuances e desafios únicos que mereciam uma exploração mais profunda. Seu trabalho, iniciado em 1990, tornou-se um farol para inúmeras mulheres (e alguns homens) ao redor do mundo, oferecendo um mapa para navegar as complexidades da jornada feminina de autodescoberta e realização (Murdock, 2023, p.25). A autora apresenta um diagrama com o objetivo de ilustrar o processo em etapas relacionadas ao desenvolvimento pessoal e à integração do feminino e masculino.

Figura 2 - Diagrama da jornada da heroína



Fonte: Murdock, 2023, p. 28.

As etapas incluem: separação do feminino, quando a heroína se afasta da figura materna e vai em busca de “uma identidade em uma cultura definida pelo masculino” (Murdok, 2023, p.25), a identificação com o masculino e sua consequente conquista de aliados, fundamentais para desenvolver sua jornada, o caminho de provas que a heroína precisa enfrentar desafios e provações até alcançar seu objetivo. Posteriormente a esse período caótico, a personagem se reconecta consigo mesma e suas raízes, não somente entre mãe e filha, mas com seus próprios sentimentos, o retorno de sua intuição, seus medos e aspirações passadas, a chamada cura da ruptura, e a etapa final denominada como integração de masculino e feminino, representada pelo aprendizado da heroína sobre “a delicada arte do equilíbrio e ter precisa aprender a delicada arte do equilíbrio e ter paciência para que ocorra a lenta e sutil integração dos aspectos femininos e masculinos de si mesma.” (Murdok, 2023, p.27). Nesse sentido, a heroína apresenta impulso inicial de abandonar seu eu feminino em prol do masculino, mas compreende que não é sobre renunciar a todo seu conhecimento adquirido na jornada, mas sim perceber como suas habilidades e suas conquistas se unem como um todo.

Magrí, em sua trajetória junto dos “Karás”, corresponde a várias etapas deste diagrama. Entretanto, alguns pontos do diagrama não são tão evidentes em sua história por não se aplicarem diretamente à sua experiência no contexto da obra *A Droga da Obediência* (2014). São eles: a dádiva ilusória do sucesso, despertar para os sentimentos de aridez espiritual (morte) e a iniciação e descida para Deusa (Murdock, 2023, p.28). Ao enfrentar sua jornada inicial junto de seus companheiros, os outros “Karás”, ela já começa a iniciar a jornada de separação do feminino, pois se afasta de um ambiente familiar e cotidiano para se envolver em uma missão que desafia suas habilidades e identidade. A identificação com o masculino, além do companheirismo com os outros meninos, Magrí não se sente intimidada naquele ambiente e, apesar de demonstrar características tradicionalmente associadas ao masculino, como determinação e coragem, ela ainda segue mantendo sua feminilidade e desejo de empoderamento. Durante um dos encontros no esconderijo, ela se impõe sobre os outros expressando a vontade de agir:

Magrí saltou como um ato. Estava repentinamente revoltada, louca por uma ação mais efetiva. Com o rosto quase colado ao rosto do amigo, a menina explodiu: Chega de conversa mole, Crânio! Há três dias nós andamos por aí, fazendo perguntas feito trouxas, enquanto os bandidos sequestram o Chumbinho, sequestram o Bino e ainda nos oferecem o cadáver de um garotinho! E você, aí, falando em teorias como uma besta! (2014, p.45).

No trecho, Magrí encontra-se frustrada com a inação do grupo, clamando por uma atitude mais eficaz diante da situação crítica em que se encontram. Essa explosão de emoções revela não somente sua determinação, mas também uma liderança que confronta os estereótipos de gênero. Ao enfrentar seu amigo Crânio, ela mostra sua força e assertividade sem precisar renunciar a sua identidade feminina

A jornada dela inclui desafios significativos, principalmente ao se infiltrar em locais perigosos com os meninos, e ao longo da história esse caminho de provas impulsiona o crescimento da menina e sua adaptação perante diversas situações de tensão, o que também revela sua capacidade de segurança frente a confrontos complicados: “Magrí sentia-se muito segura em seu disfarce. O cabelo estava diferente e Calú havia colocado uns arames em sua boca, para parecer aparelho de correção dentária. Aquela ferragem mudava a conformação do seu rosto e modificava-lhe a voz” (Bandeira, 2014, p. 55). Assim, a garota se disponibilizava a realizar as mais diferentes tarefas que mostra ainda mais sua habilidade de enfrentar o desconhecido e sua evolução como heroína, ao se manter firme e eficaz de maneira estratégica frente ao caos.

Em seu processo de Cura da Ruptura, Magrí fica frente a suas inseguranças e medos, num momento que aprofunda a importância de se autoconhecer enquanto Kara, mas também

com a noção de que não é o fim do mundo demonstrar vulnerabilidade e apego ao outro, pois isso também fortalece a heroína emocionalmente. Como exemplo o reencontro com Miguel depois de um sumiço longo e o alívio ao perceber o quanto ele era importante para ela: “Magrí correu para o amigo e abraçou-se a ele, bem apertado, como se fosse uma despedida.” (Bandeira, 2014, p. 88). Esse processo de cura não a auxilia apenas a lidar com os perigos externos, mas também a reconcilia com suas emoções e sua identidade.

Além disso, a integração de masculino e feminino é um aspecto determinante na evolução de Magrí. Ao final de sua jornada, ela encontra em si uma heroína com características consideradas mais adequadas aos homens, como a audácia e a bravura, mas também abraça sua sensibilidade e consideração. Isso garante o equilíbrio de suas habilidades e o reconhecimento de que a valorização de suas partes internas são o que mostram sua verdadeira força e não a conformidade de estereótipos de gênero ou se moldar para adaptar ao grupo dos “Karas”. Quando ela une tanto suas qualidades masculinas quanto femininas, torna-se uma figura inspiradora e completa, com maiores sinais de maturidade ao olhar sob uma nova perspectiva dentro dessa dualidade.

3.2 Jornada do Herói de Chumbinho

Durante uma reunião dos “Karas” em seu esconderijo secreto, Chumbinho invadiu o local inesperadamente. O pequeno intruso surpreendeu todo o grupo ao demonstrar conhecimento sobre a identidade de cada membro. Ele revelou ter observado as reuniões e encontros por um longo período, mantendo suas descobertas em segredo. A entrada de Chumbinho no esconderijo exemplifica perfeitamente o arquétipo do pícaro, como descrito por Vogler. Sua atitude desafiadora e bem-humorada é evidente na citação: “O menino era um palmo mais baixo que o menor dos Karas, mas seu sorriso era o de um gigante: — Olá, pessoal! Por essa vocês não esperavam, hein?” (Bandeira, 2014, p. 5) Sua invasão tinha um propósito claro desde o começo: ele desejava se tornar um membro dos “Karas”. Apesar da reação inicial de choque e desconfiança dos outros membros, Chumbinho manteve-se firme em seu objetivo de integrar o grupo.

Vogler pesquisa diversos arquétipos presentes nas narrativas, entre eles o pícaro. Este arquétipo pode ser relacionado a Chumbinho, visto que o personagem desempenha um papel crucial na dinâmica da história. Essa entrada bem-humorada e audaciosa do garoto no esconderijo dos “Karas” exemplifica perfeitamente as características do pícaro descritas pelo autor:

Ao provocar gargalhadas sadias, ajudam-nos a perceber nossos laços comuns e apontam a tolice e a hipocrisia. Acima de tudo, trazem à tona a mudança e a transformação sadias, com frequência chamando atenção ao desequilíbrio ou ao absurdo de uma situação psicológica estagnada. (2015, p. 127)

O pícaro, como arquétipo de Chumbinho, é alguém que provoca gargalhadas ao leitor ao longo da história, e com sua intrusão inesperada no esconderijo dos “Karas”, ele também desafia as convicções do grupo. Neste caso específico, ele expõe a falsa sensação de segurança e a suposta inviolabilidade do esconderijo até então secreto do grupo. Assim, sua presença inesperada surpreende e força os outros jovens a reavaliar suas próprias práticas e suposições, cumprindo o papel transformador típico desse arquétipo.

Entretanto, Chumbinho transcende o papel de ser apenas um pícaro ao assumir características do arquétipo do herói. Esse momento fica evidente na história quando ele decide se envolver diretamente com a droga da obediência com o objetivo de descobrir quem estava por trás do desaparecimento dos outros alunos. Ao aceitar o comprimido e fingir tomar a droga, Chumbinho demonstra uma determinação e coragem que vão muito além das travessuras típicas de um pícaro. Ele enfrenta um perigo real, mesmo sabendo da possível consequência de ser sequestrado como as outras vítimas. Nesse sentido, essa ação confirma ainda mais a posição de herói, disposto a se sacrificar pelo bem maior.

A transição de Chumbinho entre os arquétipos demonstra a complexidade de seu personagem. Ele mantém sua astúcia e humor característicos do pícaro, mas também exibe a força de vontade e o altruísmo de um herói ao se arriscar para desvendar o esquema da droga. Sua rápida improvisação, bem como sua habilidade de imitar os efeitos da droga para enganar o traficante, mostram uma combinação única de esperteza (pícaro) e bravura (herói).

Essa dualidade em Chumbinho sugere um personagem em período de transformação. Inicialmente apresentado como pícaro que desafia os “Karas”, ele evolui para um papel muito mais heroico ao enfrentar diretamente o perigo. “Chumbinho sorriu por dentro ao descobrir quem seria o terceiro a sumir do mapa...” (Bandeira, 2014, p.24). Essa passagem mostra que ele não apenas aceita o risco iminente de desaparecer, mas parece acolhê-lo com uma certa satisfação. Dessa maneira, essa reação comprova como Chumbinho compreende plenamente a importância de seu papel na investigação e está disposto a sacrificar sua própria segurança para ajudar os “Karas” e, por extensão, combater o mal representado pela droga da obediência. Além disso, a satisfação de Chumbinho em ajudar o grupo, mesmo diante do perigo pessoal, demons-

tra um forte senso de compromisso e propósito com uma causa maior que si mesmo. É perceptível nessa ação outro aspecto fundamental do arquétipo do herói, pois ele teve a capacidade de transcender o interesse próprio em prol do bem coletivo.

O grupo havia subestimado Chumbinho, considerando-o apenas um garotinho brincalhão e irrelevante para as atividades do grupo. Porém, conforme o desenrolar da história, Chumbinho emerge como um personagem multifacetado que incorpora elementos tanto do pícaro quanto do herói. Sua evolução ao longo da narrativa demonstra como os arquétipos podem se transformar e se sobrepor, criando personagens envolventes e complexos que desafiam categorizações simples e limitadas.

3. 3 Jornada do Herói de Calú

Calú é um personagem fascinante que se destaca como o ator principal das peças da escola, participando sempre das apresentações teatrais com seu talento excepcional. Dotado de uma capacidade notável de imitar uma ampla gama de vozes, sejam elas masculinas, femininas ou de diferentes faixas etárias, Calú consegue se "transformar" vocalmente em praticamente qualquer indivíduo e possui uma capacidade de adaptação a diferentes situações sociais. Além disso, ele é um mestre quando se trata do disfarce, extremamente habilidoso com a maquiagem, capaz de alterar sua aparência de forma tão convincente que pode se passar por outras pessoas ou personagens. Sua beleza física notável provavelmente contribui para essa versatilidade em papéis e disfarces.

Essas características de Calú o alinham diretamente com o arquétipo do Camaleão de Vogler. Uma das essências deste arquétipo é a mudança constante, e Calú personifica isso através de sua habilidade de se transformar em diferentes personagens, seja no palco ou no cotidiano com seus amigos. Vogler descreve que as características do camaleão "mudam assim que se examina com atenção" (Vogler, 2015, p.104), relacionado com a capacidade de Calú de alterar sua aparência e voz, tornando-se praticamente irreconhecível quando necessário. Num dos momentos da história isso acontece quando imita a voz de Miguel e de outros para que os pais dos jovens desaparecidos não se preocupem tanto:

Calú telefonou primeiro para a casa de Miguel e saiu-se muito bem. Era tão bom ator que a própria mãe do amigo acreditou piamente que estava falando com o filho. Depois começou a ligar para as casas dos meninos desaparecidos que Miguel não pudera visitar (2014, p. 27).

A capacidade de imitar vozes diversas permite incorporar precisamente esses tipos de personagens, além de também estender a situações práticas e potencialmente perigosas, como quando ele começa a ligar para as casas dos meninos desaparecidos que Miguel não pôde visitar. O camaleão, segundo Vogler, pode assumir formas de "personagens, como professores do sexo oposto, membros da família, colegas de classe, deuses e monstros" (Vogler, 2015, p.105). Tãmanha versatilidade reflete a essência do arquétipo do camaleão, demonstrando a capacidade de adaptação conforme a necessidade.

Outro momento crucial para a virada da narrativa acontece quando Calú usa sua habilidade de imitação para se passar pelo temido Doutor Q.I., enganando os bandidos e levando-os à rendição. A passagem a seguir ilustra parte desse momento:

Ei! Esperem um pouco: como é que o Doutor Q.I. pôde dar a ordem de rendição pelo intercomunicador se a energia elétrica estava desligada? Calú abriu o mais orgulhoso sorriso: — E quem disse que o Doutor Q.I. se rendeu? A voz que vocês ouviram era a minha, imitando o safadão! (2014, p. 89).

A ação de Calú é particularmente heroica porque ele assume um risco pessoal ao se fazer passar pelo temido Doutor Q.I. Se sua farsa fosse descoberta, as consequências poderiam ser desastrosas. Entretanto, sua performance convence tanto que até mesmo o detetive do caso inicialmente acredita que o verdadeiro vilão havia se rendido. Assim, esse ato de coragem mostra que Calú não é apenas um simples imitador, mas sim um estrategista capaz de usar seus talentos para mudar o curso dos eventos em momentos críticos.

Além disso, a revelação de Calú sobre sua atuação como Doutor Q.I. demonstra sua lealdade e modéstia ao grupo. Ele não busca imediatamente o reconhecimento por sua ação heroica, mas espera até que a situação esteja completamente sob controle para revelar seu papel crucial. Reforça mais ainda o arquétipo de herói presente nele, pois ainda que o jovem possua habilidades extraordinárias que o distinguem, ele as utiliza não para glória pessoal, mas para o bem do grupo e da missão.

3.4 Jornada do Herói de Crânio

Crânio se destaca como um prodígio intelectual entre os “Karas”, com uma inteligência excepcional e habilidades de raciocínio impressionantes. Embora não fale literalmente com a voz de um deus, ele frequentemente se expressa com uma sabedoria e clareza que parecem transcender sua idade, ecoando o conceito de Vogler do arquétipo de Mentor, inspirado pela

sabedoria divina (Vogler, 2015, p. 80). As habilidades investigativas de Crânio são evidentes na forma metódica e eficiente com que ele aborda os mistérios.

No caso específico do desaparecimento dos estudantes, ele demonstra sua perspicácia ao conectar informações aparentemente desconexas, identificar padrões ocultos e chegar a conclusões baseadas em evidências sólidas. “Os Karas se entreolharam. A lógica do raciocínio do Crânio era indiscutível. O perigo estava presente. E a ameaça era grave.” (Bandeira, 2014, p. 14). Esse trecho reforça significativamente o papel de Crânio como arquétipo de Mentor dentro do grupo dos “Karas”. A reação dos outros membros, ao se entreolharem, demonstra um reconhecimento tácito da sabedoria e perspicácia de Crânio, algo típico da forma como os personagens costumam reagir às palavras de um guia intelectual. Ele comunica sua seriedade ao grupo, além de identificar riscos e prever possíveis consequências.

Com o intuito de analisar a dualidade dos arquétipos presentes em Crânio e na interação com os outros, o trecho a seguir faz parte de um momento crucial na história para o seguimento da narrativa. Os “Karas” precisam decifrar um código deixado por Chumbinho e Crânio também faz parte desse processo: “Crânio sorriu: — Esse Chumbinho é mesmo uma figura! Você tem razão, Magrí. Aqui tem o Código Vermelho. Só que, por segurança, o danado do Chumbinho usou dois códigos combinados! Vamos traduzir primeiro o Código Vermelho” (Bandeira, 2014, p.60). Esse trecho importa porque ilustra o papel multifacetado de Crânio dentro dos “Karas”. Aqui, ele atua simultaneamente como um mentor e um herói em desenvolvimento.

Como mentor, Crânio demonstra sua capacidade de análise aguçada ao identificar rapidamente a natureza complexa do código. Ele reconhece o Código Vermelho mencionado por Magrí e também percebe que Chumbinho, em sua astúcia, utilizou uma combinação de dois códigos diferentes. Esta observação demonstra a função-chave do mentor de ensinar e orientar (Vogler, 2015, p.82), pois Crânio está compartilhando informações cruciais com o resto do grupo a fim de orientá-los na descoberta do código.

Ao mesmo tempo, Crânio exibe características de um Herói em crescimento. Sua abertura para reconhecer e valorizar as contribuições de seus colegas é evidente quando ele diz que Magrí tinha razão. Essa atitude demonstra humildade e a capacidade de aprender com os outros, aspectos essenciais para o desenvolvimento de um Herói. Ao usar "vamos", Crânio faz um convite ao grupo de participar ativamente do processo de decifração. Isso indica o quanto ele reconhece o valor da contribuição coletiva. Esse personagem também enriquece a dinâmica dos “Karas”, mostrando que mesmo o membro mais brilhante precisa e valoriza a contribuição de seus companheiros.

3.5 Jornada do Herói de Miguel

Miguel se destaca, a princípio, como o arquétipo do herói na narrativa, não somente por suas ações corajosas, mas também por suas qualidades intrínsecas que compõem um líder natural entre seus colegas. Sua ética e seriedade são evidentes a cada decisão que toma, especialmente por se preocupar genuinamente com o bem-estar dos “Karas”.

A simples presença do garoto traz um senso de determinação e segurança que motiva uma maior confiança nos outros. Essa autoconfiança é um dos pilares de sua personalidade, o que possibilita o maior enfrentamento dos desafios na história com uma coragem surpreendente, além da resiliência quando algo não sai como planejado. Vogler afirma que “o Herói é aquele que pode transcender as fronteiras e ilusões do ego, embora, a princípio, o Herói seja completamente ego: o eu, o escolhido, aquela identidade pessoal que se considera à parte do restante do grupo” (Vogler, 2015, p. 66). Nesse sentido, essa definição se encaixaria perfeitamente em Miguel; no entanto, mesmo que ele tenha uma forte identidade pessoal e um senso de autoridade que muitas vezes se sobressai em meio aos outros, sua verdadeira força prevalece quando ele consegue unir e elevar o grupo, transcendendo seu próprio ego a favor de um bem maior e coletivo.

Apesar de possuir qualidades que enquadram Miguel no arquétipo de herói, sozinho ele não conseguiria alcançar a vitória completa. A colaboração dos outros membros do grupo sempre se fazia presente, como a inteligência de Crânio, fundamental para a formulação de estratégias condizentes com os planos do Miguel, mas que possuíam senso crítico mais aguçado para que o plano entrasse em andamento. Ele pode ser o “rosto” do grupo, contudo é a cooperação entre os “Karas” que realmente potencializa suas ações. Sem essa coletividade, os planos de Miguel seriam apenas ideologias sem a força necessária para se concretizar.

Além disso, a importância do senso coletivo é visível em muitos dos momentos cruciais da narrativa. Quando enfrentam um dilema de se sacrificar para proteger uns aos outros, como quando Magrí e Crânio também concordam em fingir estar envolvidos no sequestro, ação sugerida por Miguel, fica evidente o quanto a unidade do grupo é fundamental para o sucesso de sua missão: “— É isso mesmo. As famílias de vocês dois vão tomar o mesmo susto que a minha, que a do Calú, que a do Bronca, que a do Chumbinho e que a de todos os outros. Magrí e Crânio, vocês podem aceitar esse sacrifício?” (Bandeira, 2014, p.48). Essa decisão revela o nível da amizade que os une e a disposição de cada um em colocar o coletivo acima de suas próprias

preocupações. A frase “as famílias de vocês dois vão tomar o mesmo susto que a minha” (Bandeira, 2014, p.48) expressa o compromisso e a vontade de enfrentar as consequências, por pior que sejam, e mesmo sabendo que isso poderia preocupar suas famílias. Essa coragem de caminhar com o fardo das incertezas reforça que, independentemente dos obstáculos, eles estão dispostos a enfrentar o que vier pela frente, desde que estejam juntos.

A questão do sacrifício feito acima não pode deixar de ser evidenciada, visto que reafirma que o heroísmo do grupo é uma construção coletiva. Esse processo aparece como um dos pontos na Jornada de Herói para Vogler:

As pessoas em geral pensam em Heróis como fortes ou corajosos, mas essas qualidades são secundárias em relação à disposição para o sacrifício – a verdadeira marca do Herói. Sacrifício é a capacidade do Herói de abrir mão de algo de valor, talvez até da própria vida, em prol de um ideal ou de um grupo (2015, p. 70).

Dessa maneira, os “Karas” comprovam que o heroísmo, nesse contexto, não é um arquétipo isolado presente em um único indivíduo, mas sim que se manifesta quando eles renunciam a algo valioso, seja a segurança ou a tranquilidade, reforçando a ideia de que o verdadeiro herói vive na coletividade. Assim, a disposição para o sacrifício funciona como uma das bases que sustenta esse grupo e que reitera a presença do arquétipo de herói em todos os membros, não apenas em Miguel.

O reconhecimento desses jovens como heróis é fundamental não apenas para eles, mas para toda a comunidade. Valorizar publicamente suas ações ajuda a desconstruir estereótipos negativos sobre a juventude, muitas vezes retratada como apática ou irresponsável. Esses jovens detetives provaram o contrário, demonstrando especialmente o comprometimento com o bem comum:

Mas como, Miguel? Como eu posso deixar vocês fora disso? Você, Chumbinho, Magri, Calú e Crânio foram os verdadeiros detetives que desmascararam a quadrilha da Droga da Obediência. Vocês são heróis de verdade! A imprensa precisa saber disso. Todo mundo precisa saber disso! (2014, p. 90).

A dependência mútua entre os membros dos “Karas” ressalta que o verdadeiro heroísmo muitas vezes não é um ato solitário, mas um esforço coletivo. Cada um compensava as fraquezas dos outros com suas próprias forças, criando um time excepcional capaz de enfrentar desafios que seriam insuperáveis para qualquer um deles individualmente.

Em *A Droga da Obediência* (2014), a narrativa ressalta a existência dos heróis em conjunto que se complementam. Embora Miguel possa desempenhar o arquétipo de herói, a soma das contribuições de cada membro do grupo “Karas” é que o torna mais completo e eficiente

quando precisa superar as adversidades. Essa dinâmica coletiva não apenas fortalece a luta contra o Doutor Q.I., vilão principal da história, mas também evidencia uma das principais mensagens da obra no capítulo final: “O que importava era a luta, que tinha de continuar. O que importava eram os “Karas”, que tinham de continuar!” (Bandeira, 2014, p. 97). Ou seja, a união e a capacidade de cada um reconhecer o valor do outro são os elementos que garantem o seguimento de seus caminhos para as próximas aventuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou a interligação entre os arquétipos propostos por Christopher Vogler em *A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores*. (2015) e os personagens da série *Os Karas*, de Pedro Bandeira, especialmente na obra *A Droga da Obediência* (2014). A análise mostrou que a estrutura prevista na caminhada do herói, desenvolvida em *O herói de mil faces* (2003), por Joseph Campbell, não precisa estar limitada a um protagonista único, mas se estende no sentido de incluir a dinâmica coletiva dos personagens, frisando como a colaboração em conjunto e o sacrifício mútuo são imprescindíveis para o desenvolvimento da narrativa.

Um aspecto abordado foi a parte da jornada de Magrí como heroína, relacionada com a análise da obra *A Jornada da Heroína* (2023), de Maureen Murdok, a qual demonstrou também a importância da figura feminina na narrativa, desconstruindo estereótipos de gênero e revelando como a força e a sensibilidade coexistem. A assimilação de características tradicionalmente consideradas masculinas com a integração das femininas na construção dos personagens contribuiu para uma representação ainda mais diversificada do conceito de heroísmo.

Os arquétipos, conforme analisados, não moldam apenas trajetórias individuais dos protagonistas, mas também buscam apontar a importância das interações entre eles. Miguel, como o herói central, é agregado pelas outras habilidades e particularidades dos outros “Karas”, como Magrí, Crânio, Calú e Chumbinho. Esse senso coletivo compõe boa parte da história e reitera a mensagem de que o heroísmo considera uma construção em conjunto, e que cada membro do grupo configura papel determinante contra as adversidades.

Diante do exposto, a pesquisa buscou também averiguar a importância dos arquétipos na literatura juvenil contemporânea, levantando a possibilidade de que a compreensão dessas estruturas narrativas pode engrandecer a experiência de leitura dos jovens. Pedro Bandeira, ao escrever *A Droga da Obediência* (2014), produziu, além de uma obra de entretenimento juvenil

atemporal, um convite à reflexão sobre pilares como a importância de criar laços e desenvolver pensamentos mais questionadores possíveis de reflexão ligados às experiências e aos desafios vividos nessa idade.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. **A droga da obediência**. São Paulo: Ed. Moderna, 1984.

BANDEIRA, Pedro. **A droga da obediência**. Série Os Karas. Rio de Janeiro: Moderna Literatura, 2014.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Obra completa. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MARTA, Alice Aurea Penteado. **Tópicos de Literatura infantil e juvenil**. Maringá – PR: Eduem, 2011.

MAGRO, Luci Haidee. **Uma literatura em busca de seus leitores**: a produção infantojuvenil de Pedro Bandeira. 2011. 301 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2011.

MURDOK, Maureen. **A Jornada da Heroína**: caderno de atividades: um roteiro para a busca por autoconhecimento. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

LAJOLO, Marisa. **Pedro Bandeira**: um verdadeiro Kara. São Paulo: Moderna, 2009.

PEREIRA, Gabriela de Castro; BARTH, Pedro Afonso. Desvendando sagas fantásticas: a jornada do herói na trilogia "o príncipe gato". **Revista X**, v. 15, n. 7, p. 578-596, 2020.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor**: estruturas míticas para escritores. Tradução de Petê Rissatti, São Paulo: Aleph, 2015.